

A CONSTITUIÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO EM GRUPOS DE GESTÃO ACADÊMICA NO WHATSAPP

Uilson Nunes de Carvalho Júnior⁵

Resumo. Esse artigo se insere na área de Estudos Linguísticos, mais precisamente Linguagem em Novos Contextos, e objetiva investigar a construção do ethos discursivo de sujeitos em práticas discursivas realizadas por meio do aplicativo WhatsApp em grupos de gestão acadêmica, contemplando seus possíveis efeitos de sentido. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa explicativa, cujo corpus é a análise de enunciados produzidos por profissionais de uma Escola Técnica do Estado de São Paulo. A investigação fundamentou-se nas concepções da análise do discurso de Dominique de Maingueneau. Na análise foram identificadas estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelos enunciadadores nos espaços virtuais do aplicativo, que favoreceram a interação e permitiram construir o ethos discursivo dos sujeitos. Todavia, nem todos eles apresentaram a competência discursiva nas cenas enunciativas analisadas, desencadeando uma dinâmica interacional diferente.

Palavras-chave: análise do discurso; ethos; discurso pedagógico; WhatsApp.

Resumen. La constitución del ethos discursivo en grupos de gestión académica en el WhatsApp. Esse artículo se inserta en el área de Estudios Lingüísticos, más precisamente Lenguaje en Nuevos Contextos, y tiene como objetivo investigar la construcción del ethos discursivo de sujetos en prácticas discursivas realizadas por medio de la aplicación WhatsApp en grupos de gestión académica, contemplando sus posibles efectos de sentido. Se trata de una investigación de abordaje cuali-cuantitativa explicativa, cuyo corpus es el análisis de enunciados producidos por profesionales de una Escuela Técnica del Estado de São Paulo. La investigación se basó en las concepciones del análisis del discurso de Dominique de Maingueneau. En el análisis se identificaron estrategias lingüístico-discursivas utilizadas por los enunciadadores en los espacios virtuales de la aplicación, que favorecieron la interacción y permitieron construir el ethos discursivo de los sujetos. Sin embargo, no todos ellos presentaron la competencia discursiva en las escenas enunciativas analizadas, desencadenando una dinámica interactiva diferente.

Palabras clave: análisis del discurso; ethos; discurso pedagógico; WhatsApp.

Abstract. The constitution of ethos discursive in academic management groups at WhatsApp. This article is inserted in the area of Linguistic Studies, more precisely Language in New Contexts, and aims to investigate the construction of the discursive ethos of subjects in discursive practices carried out through the WhatsApp application in academic management groups, contemplating their possible effects of meaning. This is a qualitative-quantitative explanatory research whose corpus is the analysis of statements produced by professionals of a Technical School of the State of São Paulo. The research was based on the conceptions of the analysis of the speech of Dominique de Maingueneau. In the analysis were identified linguistic-discursive strategies used by the enunciators in the virtual spaces of the application, that favored the interaction and allowed to construct the subjects' discursive ethos. However, not all of them presented the discursive competence in the analyzed enunciative scenes, triggering a different interactional dynamic.

Keywords: discourse analysis; ethos; pedagogical discourse; WhatsApp.

⁵ Mestrando em Letras pela UNIFESP, Pós-Graduado em Docência no Ensino Superior pela UNINOVE, Pós-Graduado no ensino de jovens e adultos pelo Centro Paula Souza/MEC, Graduado em Pedagogia pela UNINOVE, Graduado em Letras - Licenciatura Plena (Português e Inglês) pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Tibiricá. Professor de língua portuguesa e inglesa na ETEC Anhanguera. prof.uilson@gmail.com.

1 Introdução

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, Muda-se o ser, muda-se a confiança:
Todo o mundo é composto de mudança, Tomando sempre novas qualidades.
Continuamente vemos novidades....*

(Luís Vaz de Camões)

O poeta Luís Vaz de Camões, em “Sonetos”, afirma que o mundo é composto por mudanças – continuamente. A comunicação sempre teve um ofício importante na sociedade, e, ao longo da história humana, ela passou (e passa constantemente) por diversas mudanças, “tomando sempre novas qualidades”, numa tentativa de aperfeiçoar a interação entre os sujeitos. Mas, é nos anos 1990, com o advento da internet, que o uso das novas tecnologias de telecomunicações é apropriado pela prática social nas diferentes esferas das atividades humanas. Os sujeitos passaram a comunicar-se ubiquamente, independentemente da sua localização geográfica, por meio de uma variedade incrível de formas: mensagens de voz, imagens, textos, vídeos, dentre outras plataformas, numa verdadeira simbiose de linguagens. Com o surgimento do celular e dos smartphones esta interação passou a ser muito mais dinâmica, já que esses aparelhos possibilitaram com que o acesso à internet não se limitasse territorialmente, desde que não haja restrições tecnológicas.

Os *App*, abreviação da palavra “*applications*”, ou aplicativos, ampliaram ainda mais esse processo comunicacional. Dentre os vários aplicativos oferecidos pelas tecnologias digitais, temos o WhatsApp, um dos mais populares dentre eles, que permite ao sujeito criar grupos e enviar imagens, gifs, vídeos, mensagens de áudio, *emoções*, arquivos, figurinhas, além de realizar chamadas de voz e por videoconferência, valendo-se de um ou mais recursos, ou combinando-os no momento da interação.

Observando essa realidade social, Castells (2017) afirma que somos uma sociedade em rede; estamos conectados continuamente, interagindo em rede, estando ao lado, perto ou longe, mesmo que nos lugares mais remotos do globo. Observamos uma reconfiguração, uma recontextualização não só das relações sociais, mas também das práticas discursivas que têm de ser capazes de estabelecer comunicação em diferentes mundos com vários sujeitos, organizados em redes, e muitos com uma espécie de *second life* (segunda vida) extremamente ativa em mundos digitais. Todas essas mudanças estabeleceram novas perspectivas discursivas que já estão em uso em diferentes instâncias da linguagem. Nesse contexto tecnológico, nota-se que a linguagem no uso do aplicativo WhatsApp é assinalada pela presença de múltiplas semioses em sua composição multimodal, provocando efeitos de sentido diversos e

reelaborando até mesmo o próprio conceito da forma de comunicação e interação. Há de se considerar, ainda, a interferência na significação discursiva por conceberem nesse espaço do WhatsApp, uma abordagem digital, virtual e eletrônica.

Esse aparato tecnológico faz com que diferentes áreas do conhecimento se debrucem sobre ele para realizarem pesquisas, estudos acadêmicos e desempenho de atividades profissionais, numa tentativa de compreender o fenômeno que configura e aperfeiçoa as ferramentas oferecidas pelas tecnologias digitais. Dentre as várias áreas do conhecimento que buscam entender o fenômeno das novas tecnologias, encontra-se a Linguística. E, nesta área do conhecimento, o olhar do analista do discurso também se faz presente. Em meio ao surgimento dessas tecnologias digitais, desponta uma nova imagem do enunciador, a qual Dominique de Maingueneau (2011) chama de *ethos*⁶ discursivo.

É neste contexto que se insere o presente artigo, que tem como objetivo analisar a construção do *ethos* discursivo de sujeitos em práticas discursivas por meio do WhatsApp e seus possíveis efeitos de sentido. Assim, indaga sobre como é constituído o *ethos* discursivo institucional a partir da interação entre os sujeitos dos grupos de gestão acadêmica no aplicativo WhatsApp e quais os possíveis efeitos de sentido decorrentes dessa interação, tendo como ponto de partida os pressupostos paradigmáticos das mudanças sociais provocadas pela universalização da cibercultura na qual a internet, a interatividade on-line, as redes sociais, os smartphones e os aplicativos operaram uma metamorfose contemporânea de uma sociedade que vive em rede, em movimento, de forma fluída, líquida, com a digitalização da vida.

A justificativa desse artigo está imbuída na ambiência das mudanças que a tecnologia da comunicação e informação (TICs) tem gerado na sociedade, reconfigurando, recontextualizando não só as relações sociais, como também suas práticas discursivas. Outro aspecto que deve ser ressaltado refere-se ao aplicativo *WhatsApp* enquanto veiculador de cultura, comportamentos e valores sociais que, ao utilizar as mais distintas materialidades significantes, institui e consolida práticas discursivas por meio da língua(gem) ou da simbiose de diferentes linguagens.

A abordagem é quali-quantitativa explicativa, tendo como objeto enunciados produzidos por profissionais de uma Escola Técnica do Estado de São Paulo. A investigação fundamentou-se, principalmente, nas concepções da análise do discurso de Dominique de Maingueneau.

⁶ O termo *ethos* origina-se na língua grega e significa “personagem”, ou imagem de si, o caráter, a personalidade, os traços de comportamento, a escolha de vida e dos fins.

2 O ethos discursivo por meio do WhatsApp

Os estudos de análise do discurso surgem reagindo às concepções de ideologia nas teorias sociais (estudos de Marx e Freud) e de linguagem na Linguística (o estruturalismo e a gramática gerativa transformacional) na década de 1960, mais precisamente em 1969, na França, com a publicação de três obras fundamentais: o lançamento da revista *Langages* (1969), organizada por Jean Dubois, *Arqueologia do saber* (1969) de Foucault e *Análise Automática do Discurso* (1975) de Michel Pêcheux. Embora sejam simultâneas, elas apresentam visões difusas em relação à Análise do discurso. Pêcheux e Foucault, por exemplo, eram filósofos e contribuíram para o que se chama de teoria do discurso; já os estudos de Dubois ocorrem no âmbito da linguagem, concentrando-se na observação das práticas verbais da sociedade.

Os estudos da análise do discurso de linha francesa situam-se na conexão entre a organização linguística e o lugar social de sua produção, circulação e recepção. Sem apenas se deter nos elementos linguísticos, lidamos com o sentido e não só com o conteúdo do texto; um sentido que não é traduzido, mas produzido. Como apontado por Orlandi (1998, p. 17), " (...) tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade..." Para a Análise do discurso, a língua é considerada opaca e heterogênea. O seu sentido não está impregnado na palavra; ela é um elemento simbólico, não concluído e tampouco preciso; por isso sempre incompleto; destarte, o sentido pode escapar. Para Pêcheux (1993), a língua é a forma de materialização da fala, contando com os planos material e simbólico; o discurso produzido pela fala sempre terá relação com o contexto sócio-histórico. Em outras palavras, um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas.

Nesta perspectiva, Maingueneau (2013) discute as profusas concepções sobre discurso e análise do discurso. Para ele, o termo discurso tem significados diferentes ao se opor entre discurso e frase, unidade transfrástica, discurso e língua, concebida como sistema e seu uso em contexto e discurso e texto. O discurso é uma organização para além da frase, uma forma de ação, interativo, contextualizado, ancorado por um sujeito, regido por normas, tomado em um interdiscurso: é um construtor social de sentido.

Segundo Maingueneau (2013), o objeto da análise do discurso é o discurso, entendido como linguagem em movimento, ou seja, como prática de linguagem pela qual se pode observar o indivíduo falando. O discurso faz a necessária mediação entre o meio social e o homem, não sendo tarefa da análise do discurso trabalhar a língua como sistema estruturado e abstrato, mas como maneira de produzir significado, o que permite verificar como a linguagem se materializa na formação discursiva e como a forma discursiva se manifesta na língua.

Faz-se necessário, então, diante do nosso objeto de estudo (interações no WhatsApp), compreendermos que o WhatsApp é um fenômeno linguístico constituído na e pela enunciação

e desdobra-se em dois planos discursivos: o da enunciação como ato “pelo qual o sujeito faz ser o sentido” e o do enunciado [discurso] como “objeto cujo sentido faz ser o sujeito”, dado que sujeito e discurso se acham estreitamente ligados por meio do ato enunciativo (LANDOWSKY, 1989, p. 222).

Os agentes sociais têm no WhatsApp uma forma de relacionarem e interagirem por meio da língua(gem) digital estabelecida por meios multimodais de comunicação, na qual o discurso não é instituído, mas constituído pelo simultâneo embricamento de esferas singulares, universais e particulares presentes na formação discursiva dos discursos/enunciados evidenciados pelo lugar social de onde emerge no *App* a enunciação dos sujeitos discursivos, assim como os diversos modos da subjetividade enunciativa. Notam-se, ainda, outras características desse tipo de discurso relacionado com a análise do discurso: quando pensamos o discurso como uma organização além da frase, temos um discurso mobilizador de estruturas, mas que está submetido às regras de organização determinados socialmente; os indicadores que evidenciam uma argumentação, de uma petição, de uma narrativa exemplificam esse fato.

O ethos discursivo está fundamentalmente ligado ao ato de enunciação. Para Maingueneau (2013), Aristóteles, um dos primeiros a usar o termo, entende o ethos (retórico) como a imagem de si que o enunciador constroi em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário (coenunciador). Segundo este autor, ao escrever sua *Retórica*, Aristóteles pontua que o ethos consiste em causar boa impressão ao auditório, mediante a forma que se constrói o discurso, em dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança. A prova do ethos, acrescenta, mobiliza tudo o que, na enunciação discursiva, contribui para emitir uma imagem do orador destinada ao auditório: tom de voz, modulação de fala, escolha das palavras e dos argumentos, gestos, olhar, postura, adornos e outros tantos signos que o orador dá de si mesmo; uma imagem psicológica e sociológica.

Maingueneau (2008, p. 13) afirma que “... a prova pelo ethos consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança”. Observa-se, então, que o enunciador deve legitimar seu dizer; em seu discurso, ele se atribui uma posição do lugar de onde fala e marca sua relação com um saber. Por meio do discurso, o enunciador faz sentir certo comportamento. Isto é, “... por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador” (MAINGUENEAU, 2005, p. 98). O autor francês pontua, ainda, que o ethos não é uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, “uma forma dinâmica, construída pelo coenunciador por meio do movimento da própria fala do enunciador mobilizando a afetividade dos coenunciadores.” (MAINGUENEAU, 2005, p. 98)

O ethos está ligado à própria enunciação e, por natureza, é um comportamento que, como tal, articula o verbal e o não-verbal, provocando nos coenunciadores efeitos

multissensoriais que se constroem através do discurso, constituindo, assim, diferentes *ethés*, de acordo com as situações discursivas que empreendem e nas quais estão inseridos. Pensando o espaço digital, podemos nos remeter à utilização do WhatsApp, por exemplo, no qual os sujeitos constroem socialmente seu discurso e, por assim dizer, a própria constituição do discurso no âmbito digital. O discurso só é discurso se estiver relacionado a um sujeito que se coloca ao mesmo tempo como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais (EU-AQUI-AGORA).

O aplicativo WhatsApp possibilita a um EU a interação com um TU, respeitando a necessidade hodierna de uma interação dinâmica e veloz, dentro de um contexto. Diante disso, Maingueneau (2001) afirma que o *ethos*, por ser uma noção discursiva, constrói-se através do discurso, caracterizando-se como uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), associada a uma cenografia, mas como uma “voz” indissociável de um corpo enunciante historicamente especificado, abarcando todo tipo de texto, tanto os *orais* como os *escritos*.

Pode-se notar esse fenômeno linguístico, por exemplo, no grupo acadêmico institucional no WhatsApp objeto desta análise. Nele surge uma comunicação coletiva - rápida, síncrona, ancorada em situações de comunicação de eixos temáticos concatenados, com o fito de obterem uma maior interação. No entanto, essa interação pode ocorrer de forma assíncrona, pois, depende da visualização dos sujeitos – quando a mensagem é enviada, e análoga ao assunto, já que alguns participantes, esgueiram do propósito inicial que desponta, assim, uma nova imagem tanto do enunciadador como do coenunciador, por meio das interações no aplicativo.

O grupo analisado possui característica que depreendem pontos relevantes na construção do *ethos* discursivo dos sujeitos como a preocupação do registro de uma linguagem formal, envio de documentos oficiais, prazos a serem cumpridos, orientações, apontamentos de atrasos, faltas, presenças, aula extra, oferecimentos de cursos, pauta de reuniões e avisos em geral (semana de prova, entrega das menções referente ao desempenho dos alunos, datas comemorativas e eventos na escola, entre outros). Por sua vez, os sujeitos do grupo instauram uma nova imagem institucionalizada dos sujeitos discursivos no ciberespaço, de modo a operar uma reconfiguração no próprio uso da linguagem. Faz-se relevante considerar o lugar de onde eles enunciam e, conseqüentemente, há implicações linguístico-discursivas. Esta nova imagem é o *ethos* institucional que emerge do discurso fundante-sócio-ideológico.

Maingueneau (2008, p.63), antes de introduzir sua definição de *ethos*, ratifica alguns pontos da Retórica de Aristóteles com a qual ele dialoga:

O *ethos* é uma noção discursiva; ele se constitui por meio do discurso, não é uma “imagem” do locutor;- É fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro;- É uma noção fundamentalmente híbrida (Sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser aprendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-históricas determinada.

A retórica tradicional ligou estreitamente o *ethos* à eloquência, à oralidade em situação de fala pública. Todavia, conforme Maingueneau (2013), o *ethos* é resultado de uma interação entre o *ethos* discursivos (mostrado) e o *ethos* dito, visto como um fragmento do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação: direta ou indiretamente. Desta forma, pode-se compreender o *ethos* dito como aquilo que o locutor diz sobre si mesmo e o *ethos* mostrado como aquilo que o locutor mostra em sua maneira.

Maingueneau (2015) distingue três estratégias principais na gestão da relação entre *ethos* dito e *ethos* mostrado. A primeira consiste em instituir uma ruptura entre eles, por um apagamento do *ethos* mostrado; a segunda consiste em produzir uma convergência, isto é sustentar o *ethos* dito pelo *ethos* mostrado e estabilizar o *ethos* mostrado com a ajuda do *ethos* dito. A terceira estratégia, mais rara, é fazer desaparecer o *ethos* dito, em proveito somente do *ethos* mostrado. O autor francês alarga, assim, a concepção de *ethos*, em que esse não se dá apenas na oralidade, mas a todo e qualquer tipo de texto oral ou escrito, porquanto está imbuído uma “vocalidade” específica – um tom que dá autoridade ao que é dito. É possível relacioná-la a uma fonte enunciativa associada a uma caracterização do “corpo do enunciador”, revelando uma instância subjetiva encarnada, que exerce o papel de fiador do que é dito.

Essa noção de *ethos* abarca, portanto, além da oralidade, as características físicas e psíquicas ligadas ao enunciador. Atribui ao fiador um “caráter” e uma “corporalidade”. O “caráter” é o conjunto de características psíquicas reveladas pelo enunciador. A corporalidade corresponde às características físicas que o enunciador apresenta, a uma maneira de vestir-se e de se movimentar no espaço social; o tom, a dimensão vocal. Em outras palavras, o *ethos* promove um controle escuso do corpo assimilado por meio de uma idiossincrasia coletiva.

Nota-se que o *ethos* está adstrito à enunciação, levando-se em conta que as imagens que o enunciador e os coenunciadores têm entre si devem-se aos estereótipos culturais correntes. Todo enunciador é parte de um determinado grupo que, por sua vez, situa-se em grupos políticos, religiosos, econômicos, culturais, educacionais, sociais e étnicos. Segundo Maingueneau (2008, p.14), o *ethos* “não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica construída pelo coenunciador através dos movimentos da própria fala do locutor”. Então, cabe-lhe conferir certas características ao momento da enunciação em relação ao discurso proferido pelo locutor, sem perder de vista que esse discurso se encontra integrado a uma determinada conjuntura sócio-histórica. Dessa maneira, o coenunciador, por sua vez, no ato de fala, assimila e incorpora a maneira de se remeter ao mundo em que vive. Por meio do *ethos*, o coenunciador está convocado a um lugar, inscrito na cena de enunciação que o texto emana.

No entanto, segundo os estudos de Maingueneau, nota-se que o *ethos* possui um conteúdo muito variável ou mesmo desigual, porquanto o conteúdo que se dá ao *ethos* depende

em grande medida dos tipos ou gêneros de discurso. Essa incorporação do coenunciador implica um mundo ético cujo fiador participa. Esse mundo ético assume um certo número de situações estereotipadas associadas a componentes verbais e não verbais (o mundo ético do executivo ocupado, dos esnobes, das estrelas de cinema etc).

O ethos discursivo possui, então, três dimensões: categórica, experiência e ideológica. A dimensão "categórica" abrange coisas muito diferentes. Pode ser papéis discursivos ou estatutos extradiscursivos. Os papéis discursivos são aqueles relacionados à atividade de fala: animador, contador de histórias, pregador. Os estatutos extradiscursivos podem ser de natureza muito variada: pai de família, funcionário, médico, compondes, Americanos, solteiros, etc. A dimensão "experencial" do ethos abrange as caracterizações sócio-psicológicas estereotipadas, associadas às noções de incorporação e de mundo ético: bom senso e lentidão do campo, dinamismo do jovem executivo. A dimensão "ideológica" se refere a alguns posicionamentos dentro de um campo: feminista, de esquerda, conservador ou anticlericais; em um campo político, romântico ou naturalista; em um campo literário etc.

Estas três dimensões interagem fortemente. O compondes (categórica) tem afinidades estereotipadas com o bom senso (experencial) e o conservadorismo (ideológica); o cabeleireiro ou o *designer* de moda (categóricas) demandam um comportamento afeminado (experencial) etc. Desta forma, a predicação, a priori, que pode-se ter para caracterizar um ethos é aberta. Conjectura-se, portanto, a imanência de um ethos discursivo digital.

Nas observações desse “novo lugar” social Web 3.0, insinua-se uma verdadeira transformação na maneira de ser, de se comportar, de enunciar em ambientes virtuais. Esta mudança emana uma imagem do sujeito discursivo, que em muitos casos são diferentes daquela que se apresentam, no plano real, ou seja, do sujeito empírico. O ethos digital é a imagem virtualizada construída pela enunciação no ciberespaço, carregada ou não de múltiplas formas enunciativas (texto, *emoticons*, imagem, vídeos, memes, figurinhas etc.), que evidencia esta imagem que assume, antagonicamente, por vezes, a sua formação discursiva. Os enunciados no WhatsApp são em formato de balões e se constituem em atos de fala. Austin (1965, p. 5) entendia a linguagem como uma forma de ação ("**todo dizer é um fazer**"), ou seja, os diversos tipos de ações humanas que se realizam através da linguagem são classificados por eles, como; os "atos de fala".

Inicialmente, Austin (1962) distinguiu dois tipos de enunciados: os constativos e os performativos: enunciados constativos são aqueles que descrevem ou relatam um estado de coisas, e que, por isso, se submetem ao critério de verificabilidade, isto é, podem ser rotulados de verdadeiros ou falsos. Na prática, são os enunciados comumente denominados de afirmações, descrições ou relatos, como “Eu jogo futebol; A Terra gira em torno do sol; A mosca caiu na sopa ...” (AUSTIN, 1965, p. 5). Enunciados performativos são enunciados que

não descrevem, não relatam, nem constata absolutamente nada, e, portanto, não se submetem ao critério de verificabilidade (não são falsos nem verdadeiros). Mais precisamente, são enunciados que, quando proferidos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, na forma afirmativa e na voz ativa, **realizam uma ação** (daí o termo performativo: o verbo inglês *to perform* significa realizar). “Eu te **batizo** em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; Eu te **condeno** a dez meses de trabalho comunitário; Declaro aberta a sessão; Ordeno que você saia; Eu te perdoo” ((AUSTIN, 1965, p. 10). Tais enunciados, no exato momento em que são proferidos, realizam a ação denotada pelo verbo; não servem para descrever nada, mas sim para executar atos (ato de batizar, condenar, perdoar, abrir uma sessão, etc.). Nesse sentido, dizer algo é fazer algo, deixando evidente que os enunciados nos grupos de Gestão acadêmica no WhatsApp são performativos, pois se referem a cumprir, a fazer, a criar, a desenvolver, a distribuir, a conferir, a sondar etc.

Uma outra característica que há em cada balão de fala no WhatsApp é que possuem rabichos, assim como nas histórias em quadrinhos; as pontas ligam os balões a cada sujeito que enuncia pelo aplicativo; há ainda nos balões as cores que alternam entre amarelo, para quem enuncia, e branco para o coenunciador. O discurso das cores liga-se a modos culturais específicos. O que faz com que o sujeito do discurso interprete culturalmente o discurso da cor primeiro, para depois racionalizar o pensamento discursivo, porquanto as sociedades apresentam características multimodais particulares, consoante a cultura nacional; as cores não possuem autonomia significativa e dependem de outros elementos da informação e do contexto e provocam ações biofísicas de recepção, podendo incorporar valores, regras e códigos constituídos por sistemas ou campos semânticos de origens diversas. As cores que distinguem os enunciadore no WhatsApp determinam a origem do dito e a posição discursiva, bem como os valores desses sujeitos do discurso materializados pela enunciação contida em cada balão; a direção dos rabichos também marcam os sujeitos – o enunciador no WhatsApp é marcado com o rabicho do balão para o lado esquerdo e o coenunciador do lado direito; em vista disso, as indicações das cores e dos rabichos denotam não apenas os sujeitos discursivos, mas ainda confirmam o lugar de onde se fala e o momento da enunciação, pois cada balão carrega em si as marcas de tempo linear de horas.

Segundo Paulo Ramos (2010), os balões podem adquirir diversos formatos, cada um com uma carga semântica e expressividade diferente. A chave para entender os diferentes sentidos está na linha que o contorna. A linha preta e continua (curvilínea) do balão é tida como o modelo mais “neutro”, que serve de referência para os demais casos e simula a fala, dita em tom de voz normal, convencendo chama-lo de balão-fala (Figura 1). Implica um ato de fala na perspectiva da análise do discurso, como marcador dos sujeitos discursivos; como lugar de onde se fala e o momento discursivo. Quando um enunciador enuncia, ele faz ouvir diversas

outras vozes – implícita ou explicitamente em relação a que se situa. No aplicativo Whatsapp, há, no encaminhamento de mensagens, um tipo de polifonia digital, em que além do enunciado, na qual também trás elementos polifonicos, há o grifo, no próprio balão de fala, juntamente com uma seta indicativa, que esse ato de fala é enunciado por outro sujeito discursivo.

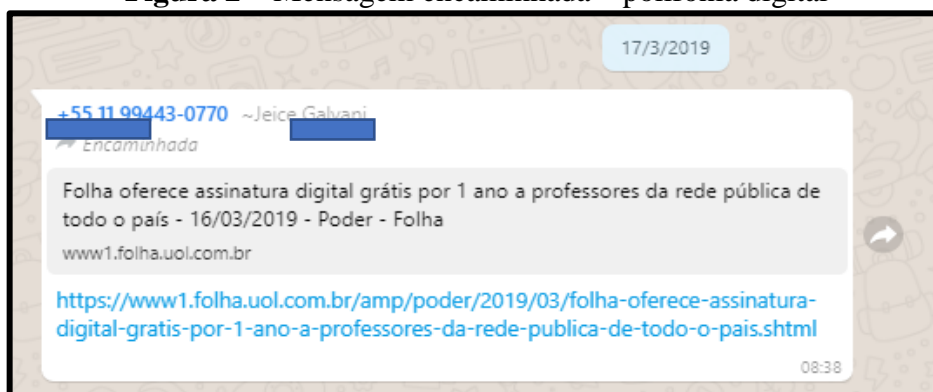
Figura 1 - Balão-Fala



Fonte: primeiro grupo – gestão acadêmica no WhatsApp, 2019.

Um exemplo desta marcação polifonica digital pode ser visto na Figura 2, de um grupo de coordenadores pedagógicos no aplicativo Whatsapp. No entanto, note que a mensagem encaminhada aparece no balão-fala de Jeice, como se “fosse dela a mensagem”, porquanto aparece no seu espaço de fala; ainda há ao lado do balão-fala, a possibilidade desta mesma mensagem ser encaminhada para outros e outros sujeitos discursivos, como um ciclo sem fim. Desse modo, a mensagem aqui é fruto de outro e outro encaminhamento, ou seja, é um tipo de mensagem flutuante, locada em grupos e sujeitos que fazem parte do nicho de educadores. Entretanto, é preciso não confundir o enunciador com o produtor do enunciado. O produtor é quem elaborou materialmente o enunciado, enquanto o enunciador é quem realiza a enunciação: aquele a quem se refere “eu” e que se encontra em um lugar que pode ser designado “aqui”.

Figura 2 – Mensagem encaminhada – polifonia digital

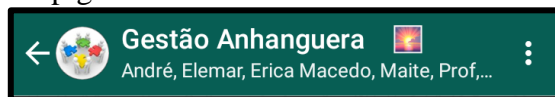


Fonte: primeiro grupo – gestão acadêmica no WhatsApp, 2019.

O Discurso direto, ilustrado pela Figura 2, é um fenômeno da polifonia, mas possui um estatuto particular, porque o enunciador que cita não se contenta em evocar a palavra citada; ele imita fielmente o enunciador citado, colocando em cena a palavra desse enunciador. Todavia, há aqui uma concessão que diferentemente do que passa com o discurso direto, o

ponto de vista do outro é integrado na palavra do enunciador, não sendo apresentado como autônomo. O recurso à concessão, em que o enunciador integra o ponto de vista do outro, tem uma incidência sobre a imagem desse enunciador: ele se atribui o *ethos* de uma instituição, aqui “Folha de São Paulo”. Nesse sentido, é preciso dar um peso à distinção que foi feita entre o (s) produtor (es) de um post no WhatsApp, e os sujeitos que elaboram, e o autor, isto é, a instância que é apresentada como responsável. Ou seja, para o tipo de relação aqui construída, que se estabelece entre o autor e o responsável pela enunciação, diremos que esse é o metaenunciador, na qual pode-se atribuir-lhe um *ethos* específico. No entanto, esse *ethos* não é repartido igualmente entre o produtor e o enunciador.

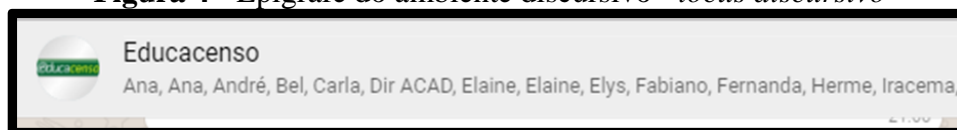
Figura 3 - Epígrafe do ambiente discursivo – *lócus discursivo*



Fonte: primeiro grupo – gestão acadêmica no WhatsApp, 2019.

Os grupos acadêmicos institucionais criados no aplicativo WhatsApp surgem com a intenção de obter uma comunicação rápida, assíncrona (pois, depende da visualização do sujeito – quando a mensagem é enviada) ancorada em situações de comunicação de eixos temáticos concatenados e análogos (porquanto, participantes enunciam com mensagens que se esgueiram do propósito inicial). Cada grupo, ao ser criado, permite que se coloque uma imagem de identificação, bem como o nome do grupo, como pode ser visto na Figura 3.

Figura 4 - Epígrafe do ambiente discursivo - *lócus discursivo*



Fonte: segundo grupo – gestão acadêmica no WhatsApp, 2019.

No ambiente onde estão locados os enunciados dos grupos de gestão acadêmica no WhatsApp, observa-se no canto esquerdo, a identificação dos grupos como “GESTÃO ANHANGUERA” (Figura 3) e “EDUCACENSO” (Figura 4), relacionados a uma imagem representativa. Todavia, apenas no segundo grupo o signo corresponde a epígrafe. Neste grupo, pode-se notar, ainda, que tanto a epígrafe quanto o signo remetem ao (Ente) órgão federal que é responsável pelo levantamento das informações acadêmicas da educação básica do país junto ao Ministério da Educação (MEC). Há uma cena enunciativa constituída que representa um quadro e um processo; ela indica ainda o eixo temático e sua pertinência discursiva. Porquanto, denota o fato de que a linguagem humana tem como característica principal o princípio de que

os enunciados tomam como ponto de referência o próprio acontecimento enunciativo do qual são o produto. Nesta perspectiva, relativo à epígrafe do grupo instituído, há uma cena englobante caracterizada pelo discurso pedagógico institucionalizado do Ente, no caso o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), uma autarquia federal vinculada ao MEC.

No primeiro grupo (Figura 3) há uma imagem associada à epígrafe do grupo, que é um desenho composto por um quebra cabeça com cores distintas, na qual os sujeitos “sem face” procuram encaixá-las denotando um *ethos* institucional de uma gestão democrática e participativa. O lócus discursivo no WhatsApp assinala uma cena enunciativa que delimita o espaço e aponta um quadro discursivo; ou seja, remete a uma cenografia digital endógena na cena englobante pedagógica de gestão escolar; um hipergênero, uma vez que abriga, nesse mote, uma diversidade de discursos, embora esteja no lugar de atividade acadêmica gestora.

No WhatsApp, conforme exemplifica a Figura 5, a marcação de tempo é linear e começa a ser aferida em dia, mês e ano na primeira postagem precendo o post que também carrega em si a demarcação das horas no canto direito de cada enunciação. Estas marcas são dêiticos temporais, que dizem respeito às codificações do tempo em que os falantes proferem seus enunciados no momento em que enunciam. Émile Benveniste (1989) apresenta duas noções distintas de tempo: o tempo físico e o tempo crônico. O tempo físico é um tempo psíquico e variável que o sujeito mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior. Já o tempo crônico advém do primeiro. Refere-se ao tempo dos acontecimentos ou a sequência deles, na qual está inclusa a vida humana.

Figura 5 – Dêiticos Temporais



Fonte: primeiro grupo – gestão acadêmica no WhatsApp, 2019.

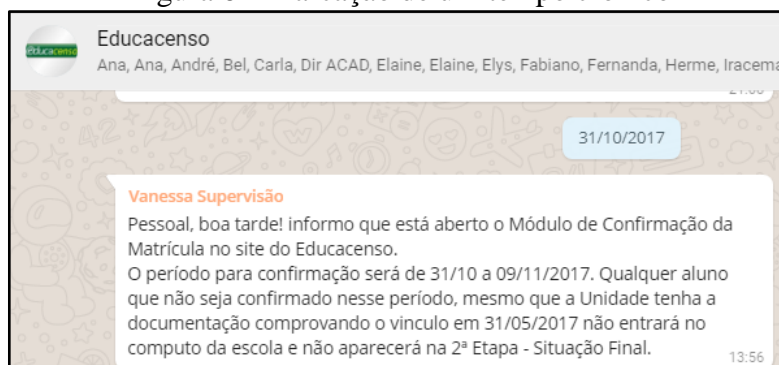
O tempo crônico é importante para nossa compreensão desse enunciado no WhatsApp, porque suas características fundamentam a vida em sociedade. O tempo, na perspectiva linguística, está ligado ao exercício da fala; ou seja, é pela língua que se manifesta a experiência

humana do tempo (tempo crônico), tendo como centro gerador a presente instância da fala. Benveniste (1989) afirma que o único tempo de fato existente na língua é o presente axial do discurso. Por conseguinte, o tempo do discurso não se limita ao tempo crônico, e não se fecha à subjetividade; isto é, o discurso proferido pelo enunciador passa a não ser apenas dele, mas é compartilhado pelo coenunciador; as instâncias temporais, ao mesmo tempo que organiza a fala do locutor, são identificadas e aceitas pelo interlocutor, sendo um ato de inteligibilidade da linguagem.

Maingueneau (1997, p.71), também reflete sobre o tempo, por meio de sua teoria da cenografia discursiva, e propõe a existência das “dêixis discursivas”; ou seja, de coordenadas espaço-temporais, implicadas em um ato de enunciação, articuladas por três instâncias: “o locutor e o coenunciador, a cronografia e a topografia”. É importante considerar, entretanto, que a dêixis discursiva, segundo Maingueneau (1997), não aponta de fora para o interior do discurso, ou seja, uma formação discursiva não enuncia a partir de um sujeito, de um tempo e de um espaço objetivamente determináveis do exterior. O que acontece, ao contrário, é um movimento de referência do interior do discurso para fora dele, ou seja, a dêixis discursiva aponta para a cena que sua enunciação ao mesmo tempo produz e pressupõe para se legitimar.

Além da dêixis discursiva, que se constrói através da enunciação, Maingueneau (2013) propõe a existência de uma dêixis fundadora, que deve ser entendida como a situação de enunciação anterior que a dêixis discursiva utiliza e da qual retira subsídios para sua legitimidade. Tem-se, então, a locução fundadora, a cronografia fundadora e a topografia fundadora. Para ele, o fator tempo presente em um enunciado é único daquela instância discursiva, não podendo ser transposto para designar, de forma idêntica, outros textos.

Figura 6 – marcação de um tempo crônico

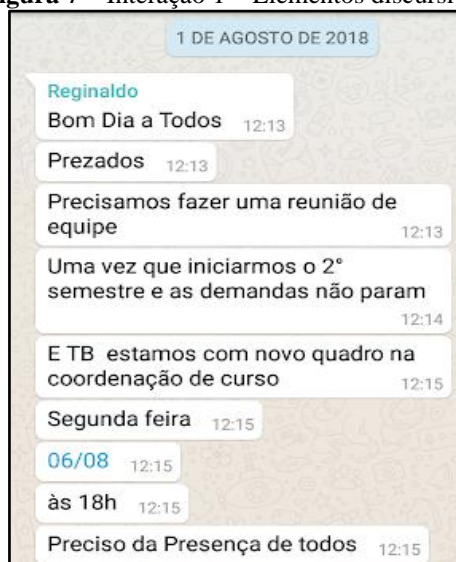


Fonte: segundo grupo – gestão acadêmica no *WhatsApp*, 2019.

Nestes termos, como pode ser visto na Figura 6, constatou-se no segundo grupo, a marcação de um tempo crônico, que, porquanto, remete a uma cronografia resultante de uma necessidade apontada pelo preenchimento de registros acadêmicos, que se dão, notadamente,

por meio de uma práxis anual, recorrente na mesma data, enunciados pelo locutor (MEC/INEP), pelo locutário/locutor (Instituição Técnica de Ensino/Supervisão) e pelos interlocutores (Escolas Técnicas/diretores acadêmicos) nesse processo de interação via WhatsApp.

Figura 7 – Interação 1 – Elementos discursivos



Fonte: primeiro grupo – gestão acadêmica no WhatsApp, 2019.

Na figura 7 há o registro de 9 posts do sujeito diretor, das 12h13 às 12h15. Os enunciados no WhatsApp, diferentemente de um texto embreado, trazem de forma explícita um “*eu*” Diretor, por carregar no primeiro balão-de-fala o registro de quem fala a um “*vocês*”, representado pelos embreantes de pessoa “*Todos*”, “*Prezados*”, “*equipe*”, os quais indicam, no processo enunciativo, os coenunciadores (designados por uma coletividade, uma pluralidade considerada globalmente e constituída de indivíduos indeterminados) e mobilizam diversos dêiticos temporais, como “*Dia*”, “*2º Semestre*”, “*Segunda-Feira*”, “*06/08*”, “*18h*”, que marcam o tempo dos verbos.

Esse “*eu*” explícito representa o enunciador; ele manifesta sua presença no plano modal e desempenha um papel de centro dêítico, como também o papel de responsável ao evocar :“*preciso*” *da presença de todos*. Esse post ainda se constroa no bojo de um interdiscurso, ao pontuar que “*as demandas não param*” e por terem um “*novo quadro na coordenação*”. Isto é, fica evidente a imperícia dos novos colaboradores, que de alguma forma estão sendo atropelados pela quantidade de tarefas, as quais deveriam atender.

Há nesse post um gênero discursivo, claramente associado a uma atividade social na esfera profissional, com uma finalidade reconhecida e que emana uma organização textual de um memorando, de uma convocação para uma reunião, visto que, inicia-se com cumprimentos, vocativo, temática e objetividade, com a data e reforço da convocação. Porém, nota-se que esse

gênero fora modificado, por haver uma alteração do suporte material – vinculado no Aplicativo WhatsApp - ou seja, o virtual dinamizou o diálogo entre os sujeitos ao passo que ressignificou a linguagem e estabeleceu uma nova perspectiva discursiva. Toda enunciação implica sua pertinência, como sua sinceridade. A fala, além de aferir o engajamento do enunciador, estabelece um modo de comunicação considerado, pelos coenunciadores, como participando do mundo evocado pela postagem.

As “demandas” nesse post têm como referente a instituição – o mundo evocado. Por se tratar de uma instituição educacional, existem não apenas outros sujeitos que a compõem (discentes, docentes, cozinheiros, limpadores, terceirizados, supervisão, superintendência), e que a regulamentam, como também seu regimento, portarias, legislações municipais, estaduais e federais, calendário, planos de curso, matrizes curriculares etc, evocando-se desta forma um ethos dito por meio da linguagem não verbal, concedendo uma personalidade ao locutor coletivo, isto é, a instituição de ensino X, que por sua vez converge em um ethos mostrado experiencial burocrático e exigente, de caráter estratégico, percebido pela urgência encarnada na enunciação. Todavia, não se pode deixar de considerar o contexto (conhecimento de mundo) e a fonte de informação que os coenunciadores possuem em relação a instituição e do seu líder imediato, ou seja, são saberes compartilhados anteriores a enunciação, que por sua vez, também contribuem para a avaliação de um ethos Institucional.

Figura 8 – Formação do Ethos Institucional

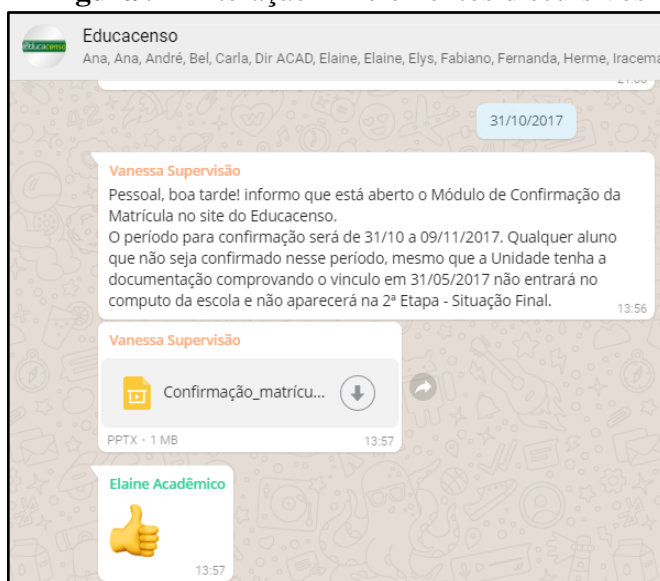


Fonte: Elaboração do autor, 2019.

Na figura 8, observa-se que o ethos institucional pode ser formado por um ethos individual (o Diretor) mais um ethos coletivo (a equipe ou o grupo) ou, ao contrário, um ethos coletivo mais um ethos individual. Isso ocorre tanto por haver sujeitos embreados que concernem ao sujeito discursivo singular, quanto coletivo e por ocorrer no ciberespaço. Denota-se, que os papéis discursivos institucionais trazem em seu discurso o ethos institucional, ao enunciarem no aplicativo whatsapp, no que se refere aos grupos de gestão acadêmica.

Na figura 9, pode-se notar, por meio das marcas discursivas, características significativas do ethos discursivo dos sujeitos para construção do ethos institucional. O discurso desta fala, em seu bojo, encontra-se na esfera discursiva pedagógica de gestão acadêmica, a qual se vale de uma situação comunicativa ancorada na cena genérica dos lançamentos dos registros de desempenho escolar discente (frequência, competência, habilidades...) no sistema **EDUCANCESO**. O texto traz uma determinação prescrita, que pode implicar em “penas” administrativas por não cumprimento do expediente. Nesta perspectiva, nota-se não apenas o lugar desta comunicação, mas o propósito comunicativo: a “mónita” e o cumprimento da atualização do sistema, por seus interlocutores (diretores de serviços acadêmicos). Salienta, ainda, o tom discursivo projetado diretamente sobre os sujeitos desta comunicação - enunciador e enunciatário -, “operando sobre o conhecer para fazer e sobre o dizer para fazer fazer” (DUARTE, 2005, p.4). No texto, observa-se que o balão e a epígrafe marcam o enunciador - supervisão responsável pela escrituração da vida acadêmica. Classifica-se como Locutor, por ser único e identificável, ao mesmo tempo, agente da enunciação e responsável por ela.

Figura 9 - Interação 1 – elementos discursivos



Fonte: segundo grupo – gestão acadêmica no WhatsApp, 2019.

O texto começa com um vocativo, o embreante **“Pessoal”**, um sujeito coletivo, compacto, que exprime uma pessoa amplificada e difusa de 12 diretores acadêmicos. A estratégia discursiva escolhida - **“Pessoal, boa tarde! Informo...”** - evoca a atenção dos coenunciadores, referente ao preenchimento do sistema Educacenso. Esta expressão não apenas pode ser classificada por esta natureza de chamamento, mas prefigura a formação discursiva e ideológica, aqui imposta, pelo ente federal, através do discurso pedagógico institucionalizado, na qual materializa-se no concluir da frase: **“Informo que está aberto o Módulo de Confirmação da Matrícula no site Educacenso”**.

Nesse movimento, o verbo “*informo*” no presente do indicativo não se configura apenas como o simples fato de ofertar um aviso aos seus sujeitos discursivos, mas traz em seu bojo o tom imperativo da obrigatoriedade da “**Confirmação da Matrícula no site Educacenso**” imposto pelo INEP a todas as unidades escolares do país. Segundo Maingueneau (2013), toda fala procede de um enunciador encarnado e sustentado por uma voz situado além do texto.

Depreende-se, por sua vez, com base no enunciado do primeiro balão-fala (Figura 9), que o locutor se dirige discursivamente a um TU, embora se refira a “Pessoal”, “unidade” e “escola”. Esses embreantes de pessoa constituem uma cenografia de apagamento dos coenunciadores que participam desse contexto. Todavia, passa a apontar para constituição de um ethos coletivo, cristalizado e submetido. Esse silenciamento velado é a garantia do movimento de sentidos, conforme Orlandi (1999), um silêncio fundante, ou seja, o não-dito, que por não estar disponível à visibilidade, apenas se cumpre sem ao menos inferir a ideologia enraizada na formação discursiva desse sujeito federal. Nota-se, nos discursos dos post do primeiro grupo de gestão acadêmica (Figura 7) e do segundo grupo (Figura 9), que mesmo sendo constituídos por membros diferentes, e em unidades diferentes, se opera um ethos institucional categórico, experiencial, estratégico e mostrado pela exigência e atribuições do cumprimento imediato de prazos por amplas demandas.

Figura 10 - Interação 2 – G1 – Tempo e Emoji



Fonte: primeiro grupo – gestão acadêmica no WhatsApp, 2019.

A figura 10 ilustra a continuidade do diálogo, iniciado com a convocação para a reunião (Figura 7). Na primeira interlocução, a Diretora de Serviços Administrativos, Érica, confirmando a presença na reunião, aponta para dois aspectos discursivos importantes que ocorrem no ciberespaço: o tempo e a enunciação por meio de emoticons. Em relação ao tempo, nota-se que a resposta é imediata (12h15 Diretor/12h16 Érica). Isso é possível porque os enunciados, constituídos no WhatsApp, ocorrerem no ciberespaço e a noção de “tempo” se altera quando se esta conectado devido a ubiquidade da rede; a cronologia e a topografia da

cena, ao mesmo tempo produz e pressupõe um ethos individual não apenas da agilidade na resposta, mas de um sujeito conectado. A Diretora Administrativa enuncia por emoji - “joinha”:

Figura 11 – Emoji Joinha



Fonte: primeiro grupo – gestão acadêmica no WhatsApp, 2019.

Os emojis são signos de imagem digital, também chamados de iconotextos, utilizados com frequência em chats para expressar múltiplos sentimentos; são formas alternativas de interação comunicativa descomplicada, informal e lúdica. Os *emojis* se remetem a uma axiologia com traços de sentidos específicos e expressam elementos de uma afetividade universal. A imagem sempre foi importante para a comunicação humana. Oswald Ducrot e Tzvetan Todorov (1998, p.16) afirmam que “em sentido lato, escrita é qualquer sistema semiótico visual e espacial; em sentido restrito, é um sistema gráfico de notação da linguagem”. Vivemos, atualmente, em uma civilização da imagem e, como o smartphone é um meio visual, os emojis – por simular na imagem a expressão humana. Os *emoji* são signos representativos da afetividade humana e a dois tipos de representação, uma “**oficial**” e a outra “**real**”, na qual seus anunciadores atribuem aos *emoji* outros significados, isto se dá pela limitação de *emojis* que representam uma realidade social, bem como pelo pouco domínio dos significados dos seus coenunciadores. E isto dificulta a classificação depreendida para análise do ethos por ser instável o significado empregado. Mas, no post (figura 9), especificamente na primeira interação, tanto no tempo crônico como no emoji depreende-se um ethos individual de um sujeito proativo, conectado e institucionalmente acatador.

3 Considerações finais

O mote desse trabalho foi analisar a constituição do ethos discursivo institucional, considerando a interação entre os sujeitos que utilizam o aplicativo WhatsApp e desta forma evidenciar os elementos interativos que permitem a construção de sentidos nos enunciados produzidos pelos sujeitos discursivos. Buscou-se, ainda, compreender os elementos linguístico-discursivos utilizados na elaboração dos enunciados que levam à constituição do ethos discursivos institucional.

Com isso, constatou-se que o aplicativo WhatsApp é um veiculador de cultura, comportamentos e valores sociais instituídos e consolidados por práticas discursivas multimodais e que por sua vez constituem um ethos discursivo institucional marcado por complexas variantes sociais, linguística-discursiva e digitais.

No que tange ao espaço e ao discurso, observou-se o WhatsApp encontra-se povoado de variantes linguísticas e formas, por meio das quais se dá a construção das cenas enunciativas. A dess territorialização impacta diretamente o processo linguístico discursivo, quando se pensa em um espaço que não é espaço, porém a categorização e a definição ocorre no processo enunciativo, ao ponto que o resultado da sociedade em rede dependerá do recurso que será utilizado no momento da enunciação.

4 Referências

- AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer*. - Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Editora: Artes Médica, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt – *Modernidade Líquida* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes 3, 1989.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. vol 1. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- DUCROT, Oswald. TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- LÉVY, Pierre (1996). *O Que é Virtual?* Rio: Editora 34.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.
- _____. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. S.(Orgs.) *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008:11-29.
- _____. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução SOUZA-E-SILVA, C. P.; ROCHA, D. São Paulo: Cortez, 2013.
- PÊCHEUX, Michel. [1983]. A análise do discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 311-319.
- ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos: coleção Linguagem & Ensino*. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.